

Paul E. Lovejoy

# A escravidão na África:

## Uma história de suas transformações

TRADUÇÃO DE

Regina A. R. F. Bhering e

Luiz Guilherme B. Chaves



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro  
2002

### A DINÂMICA DA ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XIX

No início do século XIX, o tráfico de escravos da África tinha assumido proporções gigantescas. Era a maior migração humana até então, e assim pode ser vista como a primeira das modernas migrações mundiais. A natureza peculiar dessa migração, baseada na escravidão, tornava a sua organização complexa, pois a infra-estrutura necessária para deslocar números tão grandes de pessoas contra a vontade requeria a mobilização de recursos em vários continentes. Depois do declínio temporário causado pela guerra na Europa durante a década de 1790 e a primeira década do século XIX, o tráfico transatlântico de escravos da costa da Guiné retomou o seu nível anterior, e o comércio exportador agora afetava a África Oriental consideravelmente. Os escravos tornavam-se mais comuns onde quer que o comércio exportador fosse importante, e a transformação da economia política que resultou na escravização mais sistemática das pessoas e na organização do tráfico interno de escravos impeliu as sociedades africanas na direção de uma exploração mais intensificada do trabalho escravo. Na verdade, a dimensão produtiva da escravidão tornou-se mais importante do que nunca.

Um novo fator na história da escravidão na África surgiu em meio a essa situação. Esse fator foi o movimento para abolir o tráfico de escravos.<sup>1</sup> Reformadores começaram a atacar o tráfico nas últimas décadas do século XVIII; as primeiras leis dos Estados Unidos foram promulgadas em 1791 e 1794; a Dinamarca aboliu o tráfico em 1802; em 1807 a Grã-Bretanha, a maior transportadora de escravos para as Américas, tornou ilegal para seus comerciantes a participação nesse tráfico. Os Estados Unidos foram pelo mesmo caminho em 1808, no mesmo ano em que as leis inglesas se tornaram realmente efetivas. A partir de então, apesar de muitos retrocessos, cumprimento negligente da lei e extenso contrabando, os dias da escravidão estavam contados. O governo britânico subsequente pressionou outros países europeus e do Novo Mundo

para seguir o seu exemplo, um esforço diplomático que tomou a maior parte do século XIX antes que o comércio transatlântico realmente terminasse. Junto com essa investida diplomática, a Grã-Bretanha estacionou parte da sua frota ao largo das praias africanas de modo a forçar o fim do tráfico. A França, os Estados Unidos e outros países se uniram a esse esforço militar. Esse bloqueio, que era relativamente ineficiente no início do século XIX, teve um impacto cada vez mais severo sobre o tráfico, tornando difícil para os navios europeus comprar escravos em muitos lugares. Os efeitos dessas medidas, no entanto, não foram realmente sentidos até a década de 1840.

A partir do momento em que o tráfico transatlântico tornou-se objeto de ataque, foram necessárias muitas décadas para que todos os países das Américas e da Europa chegassem a um compromisso comum em relação à abolição. O mesmo aconteceu em relação à emancipação dos escravos nas Américas, iniciada primeiramente na Revolução Francesa e seguida no devido tempo por Inglaterra, Estados Unidos, Espanha, Brasil e outros países. Enquanto esse ataque prosseguia, as forças que se opunham ao tráfico de escravos voltavam a sua atenção para o mundo islâmico, levando o Império Otomano e outros estados a posições diplomáticas nas quais a abolição era necessária. Esse ataque sobre o tráfico de escravos na África, sem mencionar a própria escravidão, prosseguiu mais lentamente. Os países europeus não queriam intervir nos assuntos africanos, exceto quando as rivalidades européias requeriam alguma atitude. Conseqüentemente, argumentou-se muitas vezes que a escravidão na África era diferente da escravidão nas Américas, e sendo assim podia ser deixada de lado. Não obstante, a lógica da abolição levava os países europeus a posições insustentáveis que, apesar da vacilação e das atitudes contraditórias, levaram sistematicamente a uma maior intervenção e finalmente à abolição tanto do tráfico de escravos quanto da escravidão.

Um exemplo de tal contradição era a procura do "comércio legítimo", um termo usado na época e por estudiosos desde então para distinguir entre o comércio escravo que cada vez mais estava sendo reconhecido como ilegal e o comércio de mercadorias "legais", principalmente marfim, amendoim, azeite de dendê, louro, borracha, cravo, couro e peles, penas de avestruz, cera de abelhas e goma arábica.<sup>2</sup> Muitas dessas mercadorias eram exportadas juntamente com os escravos, mas a sua parcela no total das exportações aumentou gradualmente. Para os abolicionistas, além disso, essa mudança nas exportações tinha um significado especial. Eles argumentavam que a abolição do tráfico de escravos e o desenvolvimento do comércio legal fariam com que a própria escravidão che-

gasse a um fim. Com respeito à África, no entanto, eles não podiam estar mais errados. Muitas das mercadorias “legais” destinadas ao mercado mundial eram cultivadas ou transportadas por escravos, pois a escravidão tinha se tornado uma parte integrante da economia africana. O fim do tráfico externo de escravos não significou o colapso do tráfico interno de escravos. Apesar das intenções dos abolicionistas, a transição da exportação de escravos para a exportação de outras mercadorias resultou na maior utilização de escravos na África.

A dinâmica da escravidão no século XIX envolvia a interação entre as forças da abolição e as da difusão da escravidão na África. Por um lado, a capacidade de escravizar as pessoas estava no seu auge, e a utilização interna de escravos era muito intensa. Por outro lado, os abolicionistas exerciam uma pressão cada vez maior sobre as sociedades africanas, levando a uma série de conflitos que estavam intimamente conectados com a imposição do colonialismo. Essas duas forças dinâmicas, uma interna e outra externa, formaram a estrutura para a completa transformação da escravidão no contexto africano. Ironicamente, essa transformação foi alcançada precisamente no momento da história em que a abolição do tráfico se tornara inevitável.

As exportações de escravos em todas as regiões do continente chegaram a 5,6 milhões (ver Tabela 7.1), cerca de 1,6 milhão menos do que o total das exportações de escravos para todos os setores no século XVIII (7,4 milhões). Eram quase 3,5 milhões de escravos vendidos através do Atlântico, representan-

Tabela 7.1  
Exportações de escravos da África no século XIX

Setor exportador	Número de escravos	%
Atlântico	3.466.000	61,9
Saara	1.200.000	21,4
Mar Vermelho	492.000	8,8
Oceano Índico	442.000	7,9
Total	5.600.000	-

Fonte: Com relação ao comércio do Atlântico ver tabelas 7.4, 7.5. Saara: Austen 1979a, p. 66; mar Vermelho: Austen 1988, p. 33; Pankhurst 1964. Oceano Índico: Martin e Ryan 1977, p. 79. Outros 95.000 escravos foram exportados para as ilhas Mascarenhas na primeira década do século XIX; ver tabela 7.7. Ver também Austen 1992; Lovejoy 1984; Sheriff 1987, 1988; McDougal 1992; Ewald 1988; Gerbau e Saugera 1994; Henriques 1995; Savage 1992; Sundiata 1996; Hernaes 1995.

do cerca de 62 por cento de todas as exportações. O comércio do Atlântico estava declinando mais de 42 por cento em relação ao volume do comércio transatlântico no século XVIII (6,1 milhões). Enquanto isso, no entanto, os outros setores do comércio do século XIX se expandiam. Cerca de 442.000 escravos foram comercializados da África Oriental pela bacia do oceano Índico; se os 407.000 escravos embarcados do sudeste da África para as Américas estiverem incluídos, 849.000 escravos deixaram a África Oriental, um número muito maior do que o volume de qualquer século anterior. Aproximadamente 492.000 escravos atravessaram o mar Vermelho vindos da Etiópia e da sua área ao sul, e novamente o número ultrapassou o comércio anterior.<sup>3</sup> Esse aumento geral também se aplicava ao comércio transaariano, que era responsável por outros 1.200.000 escravos, muitos dos quais vinham do vale superior do Nilo. Embora os números relativos ao comércio do mar Vermelho, da África Oriental e transaariano não sejam tão confiáveis quanto as outras estimativas, eles são mais precisos do que os números comparáveis relativos aos séculos anteriores. Não obstante, o total relativo a esses setores poderia ser de várias centenas de milhares de escravos.

Os totais agregados relativos ao comércio exportador sugerem algumas hipóteses gerais que são semelhantes àquelas exploradas em relação ao período de 1600 a 1800. Em primeiro lugar, o volume do comércio era tão grande que a incidência da escravidão nas regiões exportadoras provavelmente aumentou. A distribuição por idade e sexo do comércio transatlântico demonstra que essa conclusão é provável (Tabela 7.2). A distribuição da população exportada continuava desequilibrada, embora o número maior de crianças na amostra populacional sugira que o mercado americano pode ter mudado ligeiramente, talvez em antecipação ao fim do comércio. Além disso, a percentagem de mulheres na população adulta declinou, principalmente na África Centro-Occidental, que exportava mais e mais crianças, e em Moçambique, onde o tráfico era quase que totalmente de meninos e jovens do sexo masculino. Essa preferência no tráfico transatlântico por homens e crianças sugere que ficava retida na África uma proporção de mulheres escravas ainda maior do que aquela no século XVIII.

Em segundo lugar, o preço dos escravos nos locais de exportação na África Occidental, mas não na África Centro-Occidental, caiu substancialmente como resultado dos esforços abolicionistas para acabar com o tráfico. Na Costa do Ouro, por exemplo, o preço de um escravo do sexo masculino caiu de 12 onças e 4 *ackies* (45 libras) em maio de 1789 para 9 onças (32,4 libras) em 1803, para 7 onças (25,2 libras) em 1807, para 3 onças (10,8 libras) em 1815.<sup>4</sup> LeVeen registrou

Tabela 7.2  
Proporções médias ponderadas de homens e crianças,  
tráfico transatlântico de escravos, 1810-67

	Alta Guiné	Golfo de Benim	Baía de Biafra	África Centro-Occidental	Sudoeste da África	Todas as regiões	Número de escravos
Proporção de homens	0,709	0,680	0,647	0,721	0,800	0,715	101.999
Proporção de crianças	0,404	0,327	0,359	0,530	0,501	0,461	75.471

Fonte: Eltis e Engerman 1993, p. 310.

Tabela 7.3  
Preços de escravos na costa africana do Atlântico,  
1783-1850 (libra esterlina)

Período	Preço na África Ocidental	Preços reais na África Ocidental	Preços reais na costa do Atlântico
1783-7	15.6	15.6	14.8
1788-92	19.5	19.1	17.6
1793-7	18.0	17.5	16.8
1798-1802	27.3	23.5	21.0
1803-7	33.2	25.3	22.3
1808-14	17.2	14.2	13.9
1815-20	8.5	7.7	9.4
1821-5	8.5	11.0	12.9
1826-30	11.5	17.2	18.3
1831-5	7.5	12.9	12.9
1836-40	10.0	18.5	18.5
1841-5	8.2	16.7	16.7
1846-50	11.3	23.1	23.1

Fontes: Lovejoy e Richardson 1995a. Os preços são convertidos para preços reais com base nos dados de Ralph Davis (1979, p. 86) sobre os preços de mercado das exportações e reexportações a intervalos de dez anos, começando em 1784-6 e terminando em 1854-6. Os preços relativos a 1784-6 são utilizados para deflacionar os preços dos escravos em 1783-7; os preços relativos a 1794-6 para deflacionar os preços de escravos de 1793-7; e assim por diante. A média de preços para intervalos de dez anos é utilizada para deflacionar os preços dos escravos nos períodos intermediários.

esse declínio em dólares: os preços estavam perto de 100 dólares (20,8 libras) ao longo da costa ocidental africana de 1790 a 1810, mas o declínio se manifesta a partir da década de 1820, caindo de cerca de 80 dólares (16,7 libras) em 1820 para 50 dólares (10,4 libras) em 1860. Registre-se que o preço dos escravos nas Américas continuava a subir nesse período.<sup>5</sup> Entretanto, em preços reais, a queda nos preços dos escravos foi transitória (Tabela 7.3). Os preços reais caíram de 23,3-25,3 libras na última década antes da abolição britânica para 7,7 libras por escravo em 1815-20, antes de saltar para níveis comparáveis aos da década de 1780 e aos do início da década de 1790.<sup>6</sup>

A alta no preço dos escravos em antecipação à abolição e o colapso temporário dos preços posteriormente não parecem ter se refletido na oferta de pessoas recém-escravizadas. Em quase todos os lugares no interior o preço dos escravos era baixo; dados do califado de Socotô, em Zanzibar e em outras regiões, indicam isso. Em relação ao califado de Socotô, Tambo mostrou que o preço médio para mulheres jovens era de 26 táleres de Maria Theresa (MT\$) (5,4 libras) antes de 1850 e MT\$ 35 (7,3 libras) posteriormente; enquanto para os jovens do sexo masculino os números comparáveis eram de MT\$14 (2,8 libras) e MT\$19 (3,9 libras).<sup>7</sup> Quando a inflação monetária é tomada em consideração, o preço real dos escravos declinou, já que os valores monetários caíram em mais de 50 por cento durante o século. Uma tendência similar é evidente em relação a Zanzibar. O preço médio dos escravos do sexo masculino parece ter caído de MT\$ 22,5 (4,7 libras) em 1844 para MT\$ 11 (2,3 libras) em 1863, voltando a subir apenas na década de 1880, quando as pressões abolicionistas interromperam a oferta de escravos. Em 1885, o preço médio era de MT\$ 34,5 (7,2 libras), e em 1888 era de MT\$ 36 (7,5 libras). Registros dispersos da década de 1880 relativos ao interior da África Oriental, no entanto, indicam que os preços em Ujiji, Tabora e outros centros eram mais baixos; na ordem de MT\$ 31,5 (6,6 libras) em Tabora em 1880 e MT\$ 18 (3,8 libras) em Ujiji em 1883.<sup>8</sup>

Na verdade, a fronteira da escravização parece ter sido empurrada mais para o interior do que já tinha sido antes, de modo que é provável que o número de novos cativos realmente tenha aumentado. Aquela temporária queda nos preços ao longo da costa ocidental africana e o preço geralmente baixo dos escravos no interior sugerem que o trabalho escravo tornara-se um dos investimentos mais atraentes para aqueles com capital para investir. A tendência era de um nível continuamente alto de escravos nas áreas que tradicionalmente abasteciam as Américas e quantidades crescentes de escravos em muitos lugares onde o tráfico de escravos não tinha sido particularmente importante.

## O COMÉRCIO TRANSATLÂNTICO: O ÚLTIMO SURTO

As áreas mais afetadas pela continuação do tráfico de escravos foram a África Centro-Occidental, os golfos do Benim e Biafra e o sudeste da África (ver Tabela 7.4). Juntas, essas áreas provavelmente foram responsáveis por mais de 90 por cento dos 3.313.000 escravos exportados de 1801 a 1867, e a África Centro-Occidental foi responsável por dois terços dos escravos embarcados depois de 1847. Por causa da guerra na Europa e da reestruturação do comércio após a abolição britânica em 1808, e da saída de outros países do tráfico mais ou menos ao mesmo tempo, a escala do tráfico declinou na segunda década do século XIX, caindo talvez 30 por cento. Após o acordo de paz de 1815, o tráfico deu um salto, e quase 700.000 escravos foram embarcados na década de 1820, um volume que foi mantido durante a maior parte da década de 1830. O tráfico declinou para aproximadamente 435.000 na década de 1840, em grande parte resultado do colapso do comércio na baía de Biafra. Por isso, o esforço abolicionista não conseguiu deter o volume do tráfico na primeira metade do século XIX, embora tenha isolado algumas partes da costa africana, e dessa forma forçado o tráfico e se ajustar. Quase 3,2 milhões de escravos atravessaram o Atlântico na primeira metade do século, conseqüentemente na mesma ordem de magnitude do que no século XVIII. Depois de 1850, entretanto, o tráfico foi desaparecendo rapidamente, com menos de 180.000 escravos exportados na década de 1850 e outros 50.000 na década de 1860, antes do comércio cessar completamente.<sup>9</sup> A Costa do Ouro deixou de ser uma fonte de escravos depois de 1807, enquanto a costa mais ocidental, incluindo a Senegâmbia, continuava a fornecer escravos, mas cada vez mais esses vinham dos rios da Alta Guiné que a marinha britânica achava difícil patrulhar. Se o extremo da costa ocidental tinha exportado mais de 18.500 escravos por ano na década de 1760, esse número caiu para cerca de 7.000 por ano na primeira década do século XIX, e subseqüentemente flutuou em uma faixa de 5.000-8.000, até que o tráfico desapareceu na década de 1840.

Os escravos exportados do golfo do Benim no século XIX, mais de 540.000, representando cerca de 16 por cento do comércio do Atlântico, eram em grande parte de origem iorubana, embora houvesse também alguns muçulmanos do extremo norte. Nas décadas de 1820 e 1830, Oió, que tinha estado tão intimamente associado à exportação de escravos no século XVIII, sucumbiu, e durante o século XIX Daomé e vários chefes militares iorubás lutaram entre si num esforço para restabelecer um estado centralizado na região.<sup>10</sup> A nobreza de Oió tinha dependido dos escravos muçulmanos no exército, e esses muçulmanos se envol-

Tabela 7.4  
O tráfico transatlântico de escravos, 1801-67

	Senegâmbia	Alta Guiné		Costa de Barlavento		Costa do Ouro		Golfo do Benim		Baía de Biafra		África Centro-Ocidental		África Sul-Ocidental		Total
1801-10	38.000	26.400	7.000	68.600	125.000	100.600	296.300	21.700	683.600							
1811-20	45.100	22.600	13.200	0	93.800	93.700	262.900	68.300	599.600							
1821-30	13.200	32.200	8.900	0	114.700	127.300	292.800	101.300	694.400							
1831-40	8.100	54.600	6.800	0	88.100	112.700	296.300	102.400	669.000							
1841-50	9.500	24.300	2.700	0	98.700	12.100	309.900	87.000	435.300							
1851-60	0	13.400	600	0	22.900	7.300	110.800	24.100	179.100							
1861-67	0	2.700	0	0	3.000	0	44.200	2.700	52.600							
Total	113.900	176.200	39.200	68.600	546.200	453.700	1.613.200	407.537	3.313.600							

Fonte: Base de Dados Du Bois, como analisado em Eltis, Behrendt e Richardson, 199.

veram na política de Oió, primeiro como partidários de um grupo de chefes guerreiros e depois como um fator independente. A divisão crucial ocorreu em 1817, quando os muçulmanos, que dominavam a cavalaria, envolveram-se num levante militar contra Oió. A autonomia lograda pelos revoltosos enfraqueceu Oió, que passou a sofrer sucessivos reveses nas mãos de suas províncias dependentes, enquanto a derrota e ruína de Owu, uma antiga aliada de Oió no sul, despejou muito mais escravos no mercado entre 1818 e 1823. A facção muçulmana em Oió se aliou a outros muçulmanos mais ao norte, e, de uma fortaleza em Ilorin, destruiu a capital Oió no início da década de 1830. Nessa época, Ilorin reconheceu a autoridade religiosa e política de Socotô e Gwandu, as capitais gêmeas de um novo império islâmico na savana. Embora os funcionários dirigentes de Ilorin não fossem iorubás, as populações dependentes desse novo emirado eram, e Ilorin continuou ativamente envolvida nas guerras que se seguiram à destruição de Oió. O desenvolvimento de novos centros (incluindo Ibadan e Abeokuta) e a independência de Daomé refletiam uma nova era de ativo militarismo.<sup>11</sup>

Pode-se argumentar que as guerras iorubanas eram apenas por razões políticas. Na verdade, a luta pela supremacia política era predominante nas mentes dos chefes militares, mas a dimensão política também incluía a escravização como uma arma eficaz para destruir a independência das facções rivais e adquirir os recursos humanos que podiam ser explorados internamente ou vendidos no mercado. Não há melhor testemunho para a consciência do processo de escravização do que o relato de Samuel Crowther, que foi capturado, juntamente com a sua família, durante uma das muitas batalhas que irromperam no território iorubano. As mulheres e crianças tinham tentado escapar dentro do matagal, mas

enquanto elas estavam procurando se desvencilhar dos arbustos, foram alcançadas e capturadas pelos inimigos com uma laçada de corda jogada sobre o pescoço de cada uma, para serem conduzidas à maneira das cabras amarradas juntas, sob a direção de um homem. Em muitos casos uma família era violentamente dividida entre três ou quatro inimigos, e cada um levado embora, para não se verem mais. Seu humilde servo foi assim capturado — com sua mãe, duas irmãs (uma delas uma criança de cerca de dez meses) e uma prima — enquanto tentava escapar da maneira descrita acima.<sup>12</sup>

Joseph Wright, outro escravo iorubá que também deixou seu relato, registou uma determinação semelhante por parte do exército escravizador: “Os inimigos se satisfaziam com crianças pequenas, meninas, jovens do sexo masculino e

jovens do sexo feminino; e dessa forma eles não se importavam com as pessoas de mais idade e idosas. Eles as matavam sem misericórdia... Uma profusão de pilhas de cadáveres estava nas ruas, e não havia ninguém para enterrá-los.”<sup>13</sup>

Na década de 1820, aproximadamente 115.000 escravos deixaram o golfo do Benim, enquanto nas décadas de 1830 e 1840, outros 187.000 escravos foram exportados, cerca de 88.000 na década de 1830 e 99.000 na de 1840. Depois disso o tráfico caiu rapidamente, de modo que apenas 23.000 escravos deixaram a região na década de 1850 e somente 3.000 na de 1860. O efetivo final do tráfico se relacionou com a abolição das exportações para o Brasil, e a ocupação britânica de Lagos, ambos ocorridos em 1850. A captura da vizinha Porto Novo pelos franceses na década de 1860 contribuiu para o bloqueio. No interior do continente, no entanto, a escravização e o comércio continuavam nos níveis anteriores.<sup>14</sup> As guerras iorubanas foram responsáveis por muitos novos escravos, e alguns seguiam da savana para o norte. A situação no interior tornou-se cada vez mais complexa. A escravidão foi uma instituição em expansão desde a década de 1850 até o início da década de 1890.

A baía de Biafra forneceu menos de 14 por cento dos embarques transatlânticos de escravos entre 1800 e 1843. O sistema descentralizado de comércio que se estendia para o interior a partir do delta do Níger era capaz de manter níveis de exportações ligeiramente inferiores àqueles da última metade do século XVIII. Em parte isso era possível porque as lagunas e enseadas do delta ofereciam dificuldades para as patrulhas navais, mesmo quando estacionadas em Fernando Pó, no próprio golfo, detectarem a presença de navios negreiros europeus. Além disso, alguns escravos exportados da baía de Biafra vinham de distâncias ainda maiores do interior do que acontecia anteriormente. Alguns eram levados rio Níger abaixo; outros atingiam o rio Cross vindos do território da savana para o norte.

O sistema comercial aro, examinado no Capítulo 5, atingiu o seu pleno desenvolvimento nesse período. Aproximadamente três quartos dos escravos exportados ainda vinham da área de ibo-ibibio, mas agora os aros também passavam adiante escravos de regiões mais no interior do continente.<sup>15</sup> Alguns escravos podiam resultar do ataque de um barco fluvial de uma companhia ao de outra rival no delta, mas a maioria parece ter sido capturada em razias e guerras nas áreas central e setentrional da Ibolândia. Jovens do sexo masculino ofereciam os seus serviços para ajudar a solucionar disputas, e a escravização era uma tática comum. Ainda mais sério, os guerreiros abiribas, abans, ohafias e eddas continuavam a servir como mercenários para os aros e outros, algumas vezes atacando aldeias mais de uma vez. Das 25 aldeias que se sabe que eles ata-

caram, 20 estavam localizadas no território central e setentrional da ibolândia.<sup>16</sup> Nas áreas da fronteira norte, novos colonizadores tomaram enormes extensões de terra, o que geralmente envolvia guerras com os igalas. Dessa maneira, os nikes e os ibos do nordeste capturavam escravos para a venda e para seu próprio uso, embora contra-ataques também resultassem na escravização de ibos.<sup>17</sup>

Nos distritos central e setentrional da ibolândia, a maioria das pessoas recém-escravizadas eram penhores, vítimas de seqüestro ou cativos para os oráculos. Pais vendiam os seus próprios filhos por causa de dívidas, indolência e insubordinação; a distinção entre escravo e penhorado desapareceu em alguns lugares, como Nguru, onde ambos eram chamados de *ohu*, o termo usual para escravo. Em Enugwu-Ukwu e em outros lugares, os escravos domésticos podiam ser vendidos, apesar de uma proibição tradicional contra a venda daqueles nascidos na escravidão. O seqüestro era tão comum que em muitos lugares os pais não deixavam os seus filhos brincar fora das suas residências muradas; as tradições orais reunidas por Elizabeth Isichei, que transmitem informações das últimas décadas do século XIX mas parecem caracterizar a maior parte do século, contêm numerosas histórias de seqüestros.<sup>18</sup> Os oráculos, apesar das suas funções religiosas e legais que ajudavam a estabilizar a fragmentada ordem política, também contribuíam para o número de novos escravos. Os oráculos exigiam escravos como pagamento por delitos leves e serviços prestados; o oráculo de Ibinukpabi dos aros era o mais importante deles, mas o oráculo Kamalu em Ozuzu no rio Otamiri, e outros oráculos do unris também escravizavam pessoas.<sup>19</sup>

As exportações de escravos do delta do Níger diminuíram rapidamente no final da década de 1830, em parte porque os ingleses estavam cada vez mais eficientes na interceptação de navios negreiros e em parte por causa de um aumento significativo na venda do azeite de dendê para comerciantes europeus. Na década de 1830, a marinha britânica libertou 17.622 escravos da baía de Biafra. Essa era somente uma parcela do tráfico de escravos, mas serviu como uma forma de intimidação que em última análise ajudou a terminar com o tráfico. As exportações de azeite de dendê cresceram espetacularmente, subindo de cerca de 3.000 toneladas em 1819 para quase 8.000 toneladas em 1829 e para 12.800 toneladas em 1839. Em meados da década de 1850, o volume chegou a 24.000 toneladas por ano e alcançou 41.000 toneladas anualmente na década de 1860.<sup>20</sup>

O impacto desse ajuste no setor de exportações foi profundo. Até o final da década de 1830, a economia se expandiu rapidamente como resultado do comércio de ambas as mercadorias. Posteriormente, o comércio de azeite de dendê atraiu a atenção de comerciantes e fazendeiros, ao passo que o tráfico de escravos

definiu, exceto onde a economia local pudesse absorver os escravos internamente. Mas a escravização e a escravidão continuaram, em um ambiente diferente, e as instituições que tinham facilitado a exportação de mais de um milhão de escravos no século anterior ainda funcionavam. Na segunda metade do século, a escala do comércio de escravos ao longo do rio Níger e por terra a partir do vale do rio Benué e o planalto de Bamenda, ao norte, indica um considerável volume de importação de escravos.<sup>21</sup> Essa parcela do comércio era apenas uma fração do total das exportações no período de 1800-35, mas a sua persistência demonstra a capacidade da região interior de Biafra de absorver um fluxo regular de novos escravos. Os seqüestros, razias entre aldeias e a escravização através dos oráculos e outros meios legais-religiosos também persistiam. Não há razão para acreditar que o nível geral de escravização tenha declinado significativamente. A única diferença era que os escravos não eram exportados, mas utilizados internamente.<sup>22</sup>

Entre 1801 e 1867, as exportações da África Centro-Occidental eram de 1.613.000 escravos, pouco menos da metade dos escravos embarcados para as Américas no mesmo período. Na metade do século, de 1800 a 1850, a África Centro-Occidental exportou tantos escravos quanto na segunda metade do século XVIII (1,5 milhão de escravos), quando a região era o maior fornecedor isolado do comércio exportador.

A explosão das exportações durante a primeira metade do século XIX exigiu mudanças no interior que foram tão significativas quanto os desenvolvimentos associados às primeiras fases do crescimento das exportações.<sup>23</sup> O volume expandido do comércio pôs à prova as possibilidades das redes existentes. Os chefes militares lundas e lubas traziam pessoas do interior mais distante. Nessas décadas, Cazembe, o mais importante dos estados lundas no interior, atingiu o seu auge. A Lunda também adquiriu riqueza numa escala sem precedentes. Os novos desenvolvimentos incluíam a expansão do comércio ao longo do rio Zaire e seus tributários ao norte. Anteriormente, a maioria dos escravos vinha da savana ao sul do Zaire. Mesmo os escravos exportados da baía de Loango e Cabinda vinham do lago Malebo, e finalmente da savana ao sul e leste. Nessa época de grande demanda por escravos, no entanto, os pescadores e comerciantes bobangis, a nordeste do lago, começaram a trazer escravos pelo rio. A difusão do cultivo da mandioca estava relacionada com esse crescimento comercial, assim como tinha estado no início da consolidação do comércio entre a Lunda e a costa. A mandioca podia ser transportada facilmente em barcos fluviais, e isso permitia aos comerciantes alimentar-se e aos seus escravos *en route*. A organização do comércio bobangi era semelhante à do comércio do rio Níger e seu delta. Os

bobangis não estavam ligados a um estado forte, mas faziam com que o seu controle sobre o transporte fluvial se transformasse numa vantagem. Isso requeria disposição tanto para a luta quanto para o comércio.

A outra mudança importante na organização comercial da África Centro-Ocidental envolvia o surgimento dos quiocos ou cokwe como um fator na política e no comércio.<sup>24</sup> Os quiocos eram caçadores cujo conhecimento das florestas no território entre Caçanje e a Lunda os colocava numa posição favorável para tirar proveito do aumento da demanda por marfim e cera de abelhas, que se tornaram importantes artigos de exportação de Angola na década de 1830. Os quiocos também promoviam ataques à procura de escravos à medida que compravam mais armas com os lucros das vendas de marfim e cera. Os quiocos vendiam os seus serviços a facções rivais em séries de disputas dos imbangalas, ovimbundos e lundas, e eles algumas vezes promoviam capturas sem nenhuma razão, além da incapacidade de qualquer um de detê-los e de sua própria avareza.

Na época em que os quiocos tornaram-se um fator significativo no processo de escravização, entretanto, o comércio de exportação da África Centro-Ocidental estava nos seus estágios finais de declínio. Na verdade, os quiocos foram um instrumento da destruição da hegemonia da Lunda, e assim desempenharam um importante papel no colapso do mecanismo de oferta que tinha sido responsável pela exportação de tantos escravos. É provável que os problemas internos na Lunda estivessem relacionados com o declínio da demanda por escravos; a guerra civil aparentemente refletia uma luta por recursos cada vez mais escassos. As razias para a captura de escravos executados pelos quiocos abasteciam novos mercados no interior da África Central. Agora os escravos podiam ser vendidos ao norte para os cubas ou outros mercados, ou podiam ser encaminhados ao longo das antigas rotas para a costa. A relutância dos portugueses em reforçar as providências contra o tráfico de escravos ajudava a manter a demanda por escravos, embora em escala reduzida, no final do século. Mesmo quando os embarques de escravos através do Atlântico declinaram abruptamente depois de 1850, os ataques em busca de escravos, as guerras e outros meios de escravização não desapareceram.<sup>25</sup> Na verdade, o nível de escravização permaneceu em níveis recordes durante o século XIX.

O sudeste da África também compartilhava a demanda continuada por escravos no século XIX, e como o bloqueio britânico estava primeiramente concentrado ao longo da costa ocidental africana, o comércio do sudeste da África se expandiu a níveis recordes. Enquanto escravos eram enviados às Mascarenhas no século XVIII, poucos chegaram ao Brasil e outras regiões das Américas antes de 1815.

Posteriormente, as exportações progrediram rapidamente, sendo responsáveis por aproximadamente 380.000 escravos entre 1815 e 1870, quando os embarques através do Atlântico realmente chegaram ao fim. Muitos desses escravos exportados vinham de relativamente perto da costa, principalmente do vale do Zambeze. Onde anteriormente os donos de *prazos* tinham se contentado em praticar o comércio de em marfim, ouro e outras mercadorias, deixando as pessoas livres em paz nas suas terras, contanto que elas pagassem os tributos, os donos de *prazos* agora respondiam à demanda da exportação e atacavam seus dependentes. Entre 1818 e 1835, novos homens — muitos vindos de Goa — tomaram títulos dos *prazos* da Zambézia e fizeram fortuna rápida através de razias com a finalidade de capturar escravos. Outros escravos vieram da região mais no interior do continente — o vale de Shire e a região oeste do lago Maláui. O efeito final foi transformar Quelimane em um importante porto de escravos.<sup>26</sup>

#### O VOLUME DO COMÉRCIO NÃO-ESCRAVISTA

Quando o movimento abolicionista conseguiu reduzir as exportações para as Américas, alguns países europeus tentaram contornar as convenções contra o tráfico de escravos através de vários legalismos. Os franceses e os portugueses eram os mais sérios infratores; os franceses denominavam de trabalhadores contratados, que na verdade eram escravos comprados na África, *engagés à temps*.<sup>27</sup> A situação legal desses escravos levava em conta a sua liberdade após um período específico de 14 anos de servidão, mas eles deixavam a África como escravos e conseqüentemente, a partir de uma perspectiva africana, devem ser incluídos no volume das exportações de escravos no século XIX. Os termos portugueses eram mais variados, *libertos*, *serviçais*, *livres* e *ingênuos*, mas eles também eram escravos. Tecnicamente, os contratos desses escravos iam de cinco a sete e mesmo dez anos, mas os contratos podiam ser comprados e vendidos e estendidos sem o consentimento dos *libertos*. Os holandeses e os ingleses eram ainda mais inteligentes, já que ambos se consideravam líderes na luta contra a escravidão. Não obstante, ambos os países achavam conveniente recrutar soldados para as Índias Ocidentais entre as populações escravas da África. O número desses recrutas era pequeno, um total de apenas alguns milhares, mas novamente eles eram originalmente escravos, independentemente da sua posição como soldados britânicos e holandeses (ver Tabela 7.5).

Os franceses iniciaram o seu tráfico de escravos disfarçado durante o Segundo Império, de Luís Bonaparte, depois de 1848. O comércio consistia em dois setores. Um setor era o da África Ocidental, em grande parte do Senegal e do Gabão, até as Índias Ocidentais. Esse comércio foi responsável pela exportação de 20.426 escravos apenas entre 1854 e 1862. O outro setor era o comércio do sudeste da África até Nossi Bé, as Comores e Reunião (Bourbon). Entre 1848 e 1861, 33.958 escravos foram levados para essas ilhas no oceano Índico como *engagés*. Levando em consideração uma taxa de mortalidade de 2 por cento, provavelmente 35.000 escravos deixaram o sudeste da África e Madagascar. Esses dois períodos são os que estão melhor documentados; talvez 70.000 escravos estivessem envolvidos no total do período *engagés*.<sup>28</sup>

O sistema português de contrato de trabalho estava centralizado em São Tomé e Príncipe, que se beneficiaram com uma explosão da produção de café no final da década de 1850 e posteriormente com a expansão da produção do cacau. Na década de 1850, o comércio legal de escravos de Luanda estava praticamente encerrado, embora alguns escravos ainda fossem exportados da foz do rio Zaire e em pontos dispersos em outros locais na costa Centro-Occidental. Em vez disso, os comerciantes portugueses começaram a embarcar escravos disfarçados como *libertos* para São Tomé e Príncipe, algumas centenas de uma vez e algumas vezes sob um decreto que limitava o número legal de tais trabalhadores a 10 por navio.

Tabela 7.5  
O volume do comércio não-escravista: contrato e outras formas de trabalho servil

Transportador	Período	Volume	Origem
Holandeses	1836-62	2.500	Asante
Franceses	1854-62	20.400	África Ocidental
Franceses	1848-99	50.000	África Sul-Oriental
Portugueses	1860-99	80.000	África Centro-Occidental
Total	-	152.900	-

Fontes: Holandeses: La Torre 1978, p. 415, calculou 1.170 escravos, P. C. Emmer (comunicação pessoal) calculou 2.490 escravos no seu exame dos arquivos da agência de recrutamento holandesa em Kumasi. Gostaria de agradecer ao Dr. Emmer por compartilhar as suas informações comigo. Franceses: Renault 1976, pp. 158, 204-5. Portugueses: Duffy 1967, pp. 11-13, 27, 35, 98.

Sob os olhares atentos e os repetidos protestos dos britânicos, que tinham agentes consulares em Luanda, esse sistema se expandiu gradualmente até meados da década de 1860, quando provavelmente estavam sendo exportados mais de 1.000 libertos por ano, praticamente nenhum dos quais retornou ao continente depois de completado tecnicamente o tempo de serviço. Estatísticas oficiais portuguesas foram compiladas durante os últimos 25 anos desse comércio, de 1876 a 1900, quando 55.889 *libertos* estão registrados. As exportações variavam de 1.400 por ano a até 8.000. É provável que o total do comércio do final da década de 1850 até 1900 tenha sido de pelo menos 80.000 *libertos*.<sup>29</sup>

A parcela holandesa dessa migração de escravos sob outros rótulos era pequena em comparação com os setores francês e português; o seu propósito também era diferente. Os holandeses recrutaram escravos em Axante entre 1836 e 1842. Eles compraram 2.035 jovens do sexo masculino: 1.985 foram enviados às Índias Orientais e 50 foram enviados às Índias Ocidentais. Outros 455 escravos foram comprados entre 1858 e 1862 para as Índias Orientais.<sup>30</sup>

#### O COMÉRCIO ATRAVÉS DO SAARA E DO MAR VERMELHO

A exportação para as terras islâmicas da África do Norte e do Oriente Médio envolveu o deslocamento de cerca de dois milhões de escravos. A maior parcela desse comércio vinha da bacia do vale superior do Nilo e da Etiópia, que juntos provavelmente foram responsáveis por um milhão de escravos. Cerca de 650.000 escravos viajaram através do Saara vindos do território da savana para o oeste do vale do Nilo, incluindo o Sudão Central e o Ocidental. Outros 347.000 escravos saíram da África oriental, e serão discutidos na próxima seção.

A Etiópia e o vale do Nilo se encaixavam no padrão geral de aumento de gázuas e do comércio de escravos que predominava na África, embora o mercado fosse diferente. Várias rotas abasteciam os portos do mar Vermelho e as caravanas do deserto com destino ao Egito. Talvez mais da metade do milhão de escravos da região atravessou o deserto do Egito, enquanto o resto provinha da Etiópia e era embarcada para a península árabe. A origem desse comércio, como era o caso na África Oriental, remonta ao século XVIII. Darfur era capaz de exportar vários milhares de escravos por ano no final do século e continuou a ser um importante exportador nas primeiras décadas do século XIX, embora nenhuma caravana tenha deixado Darfur entre 1810 e 1817. Senar, no entanto, expor-

tou cerca de 1.500 escravos por ano durante esse período.<sup>31</sup> A mudança mais importante ocorreu na década de 1820, quando o Egito, nominalmente parte do Império Otomano, mas na verdade em grande parte independente sob a liderança dinâmica de Muhammad Ali, invadiu Senar, formando um império no vale superior do Nilo.<sup>32</sup> O Egito também capturou portos ao longo do mar Vermelho, de modo que a Etiópia cristã se encontrou uma vez mais cercada por um poder islâmico expansionista. Muhammad Ali e seus sucessores procuravam ouro, escravos e outras mercadorias. O número das razias para a captura de escravos subiu consideravelmente até 1880, quando a pressão britânica para abolir o tráfico de escravos enfraqueceu a estratégia do Egito.

Muhammad Ali e seus sucessores no Cairo queriam tropas de escravos para o exército egípcio. Em 1820, um campo de treinamento foi fundado em Isna para oficiais dos regimentos de escravos que deviam ser recrutados com a conquista do Sudão nilótico. No ano seguinte, um grande depósito foi estabelecido em Assuã para receber escravos, onde eles eram vacinados, vestidos e instruídos nos rudimentos do Islã. Muhammad Ali pediu 20.000 recrutas, mas a alta taxa de mortalidade durante a travessia do deserto e nos campos de recrutamento causada por febres e disenteria sabotava os esforços para atingir esse número.<sup>33</sup> Em 1822 e 1823, o número supostamente se aproximou de 30.000. Muhammad Ali estimulava as suas tropas, relembrou-lhes numa mensagem especial enviada em 1823: “Vocês estão cientes de que o objetivo de todos os nossos esforços e despesas é conseguir negros. Por favor mostrem empenho em atender aos nossos desejos nessa questão capital”.<sup>34</sup> O exército posteriormente organizou ataques a partir do norte do Sudão à procura de mais e mais escravos. As tropas atacaram os xiliques e Dincas nas planícies inundadas do Nilo ao sul. Eles capturaram o Cordofã a oeste, e de lá lançaram ataques às montanhas Nuba. Na década de 1830 foi feito um esforço para reduzir a morte durante a travessia do deserto. O comandante em Dongola construiu barcos, com madeira e pregos enviados do Egito. Isso facilitou o movimento de provisões para os comboios de escravos e permitiu o transporte de escravos ao longo de alguns trechos do rio. Na década de 1830, as forças de ocupação foram aumentadas de um regimento para três, tanto para consolidar o domínio egípcio quanto para expandir as operações de captura de escravos. Muhammad Ali precisava de tantos escravos quantos fossem possíveis para auxiliar na conquista da Síria e da Arábia. Em 1838, um número estimado de 10.000 a 12.000 escravos estava chegando ao Egito a cada ano.<sup>35</sup>

Sob a pressão antiescravista britânica, as táticas dos egípcios tiveram que mudar nas décadas de 1860 e 1870, mas já então uma vasta rede de comercian-

tes e predadores muçulmanos era capaz de manter a oferta de escravos, apesar da oposição "oficial". Na década de 1860, as regiões de Bahr el Jebel e Bahr el Ghazal estavam exportando de 1.000 a 2.000 e de 4.000 a 6.000 escravos por ano respectivamente, números que são parcialmente confirmados pelas atividades das patrulhas antiescravista fluviais, que capturaram mais de 3.500 escravos entre junho de 1864 e fevereiro de 1866. As estimativas para 1867 colocaram o total das exportações do Sudão entre 10.000 e 30.000 por ano, com metade viajando por terra pelo vale do Nilo e o resto sendo enviado a portos no mar Vermelho. Comerciantes em Jedá, no mar Vermelho, tinham agentes em Shendi, Cartum, Sennar, El Obeid e em portos em outros pontos no mar Vermelho e na costa da Somália, e milhares de escravos marchavam para fora do Sudão e da Etiópia meridional a cada ano. De junho de 1878 a março de 1879, 63 caravanas com 2.000 escravos foram capturadas em vários lugares, e um ataque feito pelo governo libertou 1.000 em Kalaka, quando os egípcios, através de funcionários britânicos, abandonaram sua antiga política de recrutamento militar. Até 1876, o volume das exportações supostamente chegava a dezenas de milhares por ano, só que agora mais escravos eram enviados através dos portos ao longo do mar Vermelho do que por terra descendo o vale do Nilo e através do Saara.<sup>36</sup>

Os esforços para alterar esse tráfico de escravos desencadearam um renascimento islâmico que era antiegípcio e pró-escravista. Um líder dinâmico, Muhammad Ahmad, surgiu como centro de resistência, quando em 1881 ele se proclamou Madi, uma figura messiânica que iria remover do mundo a descrença e, nesse contexto, acabar com o colonialismo. As guerras que se seguiram expulsaram o Egito, juntamente com os seus aliados britânicos e otomanos, do Sudão nilótico até 1896.<sup>37</sup>

Na Etiópia, a presença do Egito também era forte. As forças egípcias atacaram as áreas periféricas ao planalto e dominaram o mar Vermelho, mas a maioria dos escravos era capturada no sul. Os portos de Massáua, Tajura, Berbera e Zeila forneciam milhares de escravos a cada ano para o Egito e as terras santas muçulmanas na Arábia,<sup>38</sup> enquanto as caravanas deixavam a cidade de Metemma para o Sudão nilótico. O tráfico de escravos da Etiópia era em grande parte um tráfico de crianças, principalmente meninas. As mulheres superavam os homens em pelo menos duas para um, e a grande maioria dos escravos tinha menos de vinte anos de idade. Essas crianças vinham de áreas ao sul e sudeste da Etiópia cristã; os principados galas e sidamas obtinham muitas dessas crianças em ataques para a captura de escravos contra seus vizinhos mais fracos ou em disputas entre eles mesmos. Muitas crianças também eram seqüestradas, e algumas indu-

bitavelmente eram compradas em épocas de penúria. Havia uma distinção entre escravos “vermelhos” e escravos “negros”, uma diferença relativa a características físicas associadas a vários grupos étnicos. Em geral as meninas escravas “vermelhas” eram mais valorizadas no comércio exportador, enquanto os escravos “negros”, *shanjalla*, eram muitas vezes mantidos na Etiópia cristã, nos principados galas, ou nas cidades muçulmanas como trabalhadores inferiores.<sup>39</sup> O auge do comércio da Etiópia foi durante a segunda quarta parte do século XIX, quando até de 6.000 a 7.000 escravos foram exportados a cada ano por vários portos. Durante esses 25 anos, de 150.000 a 175.000 escravos foram exportados.

Os esforços para acabar com tráfico de escravos no norte da África e na Arábia começaram muito mais tarde do que na bacia do Atlântico. O Estado otomano declarou ilegal o comércio em meados da década de 1850, e mais ou menos na mesma época o imperador Teodros da Etiópia decretou medida semelhante.<sup>40</sup> Nenhuma das duas teve muito efeito. Somente a intervenção direta dos britânicos no Egito, com uma presença correspondente no mar Vermelho, resultou em pressão sobre o tráfico. O tráfico diminuiu, principalmente depois que a revolta Madi isolou o Sudão do mundo exterior. Depois disso os escravos ainda eram contrabandeados através do mar Vermelho, mas o volume era bastante reduzido.

Várias *jihads* na África Ocidental, principalmente a que levou à fundação do califado de Socotô depois de 1804, também resultaram na transferência de escravos através do Saara. Talvez meio milhão de escravos ou mais estiveram envolvidos nesse tráfico.<sup>41</sup> O califado de Socotô e o vizinho Bornu exportaram entre 3.000 e 6.000 escravos por ano de 1810 a 1870; na década de 1870, o comércio caiu para de 1.000 a 2.000 por ano, diminuindo ainda mais nas décadas de 1880 e 1890. Outros escravos foram exportados em direção ao norte de Tombuctu, talvez na ordem de 1.000 a 2.000 escravos por ano durante a maior parte do século. Embora o comércio de Uadai e áreas mais a oeste fosse apenas uma pequena parcela do total do comércio exportador do século XIX — na ordem de 9 por cento — na verdade refletia o que se passava na África Ocidental, com uma escravização de pessoas numa escala comparável a outras áreas.

#### O COMÉRCIO DA ÁFRICA ORIENTAL

O comércio da África Oriental consistia em três setores: um comércio setentrional para a Arábia, a Pérsia e a Índia, um comércio meridional para as Américas

e um comércio costeiro que terminava em Zanzibar, Pemba e vários pontos no continente em frente a essas ilhas. Juntos, esses três setores envolviam a venda de cerca de 1.620.000 escravos, quase metade dos quais era retida na costa oriental da África e a outra metade exportada para outros pontos no oceano Índico ou para as Américas (Tabelas 7.6 e 7.7). Como demonstram esses números, esse tráfico de escravos explodiu no século XIX. Embora o comércio exportador excedesse qualquer coisa que essa região já houvesse experimentado, a verdadeira grande expansão estava relacionada com desenvolvimentos na própria costa.

O comércio era da ordem de 80.000 escravos na primeira década do século XIX. Nessa época, cerca de 30.000 escravos ficaram retidos na costa; aproximadamente 25.000 foram embarcados em direção ao norte para Arábia, a Pérsia e a Índia; outros 25.000 foram para as Mascarenhas, e o resto (10.000) foi levado para as Américas. Depois disso o comércio das Mascarenhas declinou, mas o comércio americano absorveu a maior parte do excedente, subindo para 60.000 na segunda década e mais ainda na terceira e quarta décadas (100.000 por década), antes de cair a números insignificantes no final da década de 1840. O comércio de exportação para o norte cresceu mais modestamente; subindo para 35.000 na década de 1830, 40.000 na década de 1840, e 65.000 nas décadas de 1850 e 1860, antes de declinar drasticamente depois de 1873. A retenção de escravos na costa passou de cerca de 35.000 escravos na década de 1810 para 40.000 na década de 1820, 60.000 na década de 1830, 147.000 na década de 1840, 111.000 na década de 1850, 142.000 na década de 1860, e 188.000 na década de 1870. Posteriormente esse comércio caiu também, de volta a um volume de 28.000 na década de 1880 e 16.000 de 1890-6.

A expansão do tráfico de escravos na costa era resultado do desenvolvimento das *plantations* em Zanzibar, Pemba, Melinde, Mombaça e outros lugares.<sup>42</sup> Omanis e suaílis investiam na agricultura, cultivando cravo-da-índia, coco e cereais para o comércio internacional. O principal produto agrícola era o cravo-da-índia, cultivado nas ilhas e exportado principalmente para a Índia. Anteriormente, os árabes omanis tinham se interessado pelas possibilidades comerciais da costa oriental africana, incluindo o tráfico de escravos, mas o empreendedor sultão Sayyid Sa'id promoveu uma variedade de colheitas, das quais o cravo-da-índia provou ser a mais bem-sucedida. Esse desenvolvimento da *plantation* tinha muitas semelhanças com a economia escrava de *plantation* das Américas e das ilhas Mascarenhas. A ênfase era nos produtos de exportação, embora a produção de grãos no continente se tornasse uma atividade subsidiária em relação ao cravo-da-índia e a tráfico de escravos. O período de auge no crescimento da pro-

Tabela 7.6  
Exportações de escravos da África Oriental para Arábia,  
Pérsia e Índia, 1801-96

Período	Importações	Exportações (9% de mortalidade)
1801-29	72.500	81.000
1830-39	35.000	39.000
1840-49	40.000	44.000
1850-73	156.000	173.000
1874-96	9.200	10.000
Total	312.700	347.000

Fonte: Martin e Ryan 1977, p. 79.

Tabela 7.7  
O tráfico de escravos da África Oriental no século XIX

Setor	Volume	%
Arábia, Pérsia, Índia	347.000	21,4
África sul-oriental para as Américas	407.000	25,1
Mascarenhas	95.000	5,9
Costa da África Oriental	769.000	47,5
Total	1.618.000	-

Fontes: Arábia, Pérsia, e Índia: Tabela 7.6. África sul-oriental: base de dados Du Bois, como discutido em Eltis, Behrendt e Richardson, 1999; Mascarenhas: Filliot 1974, p. 54 e Tabela 7.5; costa da África Oriental: Martin e Ryan 1977, p. 82. Ver também Austen 1988, pp. 28-31. Sheriff 1987, 1988; Campbell 1988; e Gerbeau e Saugera 1994.

dução do cravo-da-índia foi da década de 1840 até a década de 1870, refletido no tráfico de escravos. Os números relativos aos escravos representam um espantoso aumento na utilização de escravos na costa e dessa maneira são parte do crescimento no emprego de escravos na África, embora nesse caso muitos dos proprietários de escravos fossem forasteiros de Omã.

O rápido crescimento do tráfico de escravos da África Oriental envolveu uma mudança considerável no interior.<sup>43</sup> Anteriormente, a principal rota no continente era através do vale do Zambeze. Os aventureiros portugueses e seus escravos estavam estabelecidos em terras concedidas nominalmente pela coroa

portuguesa, mas na verdade eram reconhecidos localmente porque os portugueses muitas vezes atuavam como mercenários nas guerras africanas. Mais ao norte, tinha havido poucas ligações diretas com o interior do continente, mas na primeira década de século XIX dois grupos de comerciantes do interior passaram a trazer para a costa escravos e marfim. Esses eram os niamuézis no interior da Tanzânia e os iaôs, que negociavam entre a costa e o lago Maláui.

A maioria dos escravos que terminava em Zanzibar e Pemba vinha de Quíloa, que era o principal ponto de recebimento de caravanas do lago Maláui e de outros portos mais abaixo da costa. Escravos vindos do interior de Quíloa constituíam uma parcela significativa do comércio até 1811. Na década de 1840, a importância dessa fonte tinha aumentado ainda mais; em 1860, 75 por cento dos escravos de Zanzibar chegaram através de Quíloa; em 1866, a porcentagem atingira a 95 por cento.<sup>44</sup> Mesmo depois que o comércio para Zanzibar e seus territórios declinou na década de 1880, o número de escravos viajando do interior em direção à costa continuou o mesmo; apenas eles eram então destinados a outras *plantations* no continente. Na década de 1870, há o registro de milhares de escravos atravessando o lago Maláui a caminho da costa. Esse padrão de comércio interno continuou até o final do século.

Havia também um tráfico de escravos endógeno no interior próximo a Mombaça, Melinde e Zanzibar, mas apenas um quarto dos escravos nas *plantations* de Zanzibar e áreas adjacentes vinha do interior ao norte. A maioria dos escravos na região do lago Tanganica e do lago Vitória nunca alcançou a costa. Em vez disso, o marfim era de longe o mais importante item de exportação ali. O comércio de sal, cobre e importados da costa reflete os padrões comerciais, ligados apenas de modo distante à economia costeira das lavouras.

Na terceira e quarta décadas do século XIX, comerciantes suaílis e árabes também negociavam ao longo desses corredores comerciais, e cada vez mais estendiam o crédito aos comerciantes niamuézis e iaôs. A intensificação do comércio produziu violenta competição no interior, de modo que o tráfico de escravos e as razias por escravos muitas vezes andavam juntos. Os comerciantes estavam sempre fortemente armados, e se provou impossível conter as suas agressões. Os niamuézis reagiram criando estados centralizados sob a direção de chefes militares particularmente dinâmicos, mas os esforços de homens como Msiri e Tippu Tip (que era meio árabe e meio niamuézi) apenas redefiniram os acordos comerciais entre as várias facções comerciais. Em última análise, os niamuézis, iaôs, suaílis e árabes precisavam uns dos outros, já que a escravização de pessoas, seu deslocamento para a costa e a venda no mercado internacional de

escravos estavam ligados. Os portugueses e seus guerreiros escravos, conhecidos como *achikunda*, exerciam as mesmas funções no sul.<sup>45</sup>

Os ataques em busca de escravos por parte dos niamuézis, iaôs, portugueses, suaílis, árabes e *achikunda* eram uma grande fonte de insegurança no século XIX, mas não a única. Na década de 1820, bandos de homens armados usando lanças curtas e táticas bem-organizadas se deslocaram do sul da África em direção ao norte.<sup>46</sup> Esses regimentos, parte dos *dificane*, os “esmagadores”, relacionam a sua origem com a ascensão dos zulus na África do Sul. Derrotados pelos zulus, eles adotaram as técnicas militares daqueles e conquistaram novas terras. Esses regimentos se deslocavam para o norte, destruindo qualquer estado estabelecido que eles encontrassem e escravizando as pessoas no vale do Zambeze, no planalto rodesiano e em áreas da Tanzânia. Entre o impacto combinado dos *dificane* e os caçadores de escravos da costa, muitos cativos foram apanhados. Os senhores da guerra tinham se tornado característica dominante do interior da África Oriental, da Tanzânia à África do Sul.

Mesmo o declínio do comércio exportador não reduziu imediatamente a insegurança no interior. As medidas britânicas para forçar o fim do tráfico de escravos foram relativamente ineficazes até a década de 1880. Vários esforços diplomáticos tinham limitado legalmente o comércio costeiro em estágios que começaram com um acordo fechado por Zanzibar em 1822 para proibir a re-exportação de escravos para o norte. Somente após a lei da abolição de 1873 que houve uma chance real de sucesso, e só na década seguinte o comércio realmente se extinguiu.<sup>47</sup>

#### O COMÉRCIO INTERNO

Um tema recorrente na minha discussão sobre as vicissitudes da exportação tem sido o crescimento de um mercado interno de escravos — notadamente a agricultura de *plantation* da costa oriental africana, mas também em outros lugares. O volume desse mercado interno era provavelmente tão grande, quanto o volume do comércio externo se não maior. Em conjunto, o tráfico de escravos era maior do que jamais tinha sido, embora não seja possível fazer uma estimativa do comércio interno de forma tão precisa quanto do externo. Não obstante, o volume do tráfico de escravos indica que a oferta de escravos foi mantida. Como as pessoas nascidas em escravidão raramente eram vendidas, essa capacidade de for-

necer escravos em larga escala requeria novas soluções para o eterno problema do modo escravista de produção — como encontrar novas fontes de escravos.

Para a exportação, o problema da oferta de escravos se resolvia mudando-se o foco geográfico da bacia do Atlântico para a bacia do Nilo, a Etiópia e a África Oriental. A costa ocidental da África tornou-se menos importante do que antes; as suas exportações declinaram consideravelmente já na primeira década do século XIX. A baía de Biafra abandonou a exportação no final da década de 1830; a Costa dos Escravos continuou por mais duas décadas, mas praticamente toda a costa da Guiné acima do equador estava fora do comércio na metade do século. A África Centro-Occidental permaneceu por mais tempo, embora depois da década de 1850 o comércio de mão-de-obra contratada fosse apenas uma fração do volume anterior. Em contraste, o comércio da África Oriental cresceu rapidamente na década de 1820 e continuou em larga escala até a década de 1870. Esse comércio afetou principalmente a área do lago Maláui e a bacia do Zambeze. Finalmente, a explosão das exportações de escravos do vale do Nilo e através do mar Vermelho aconteceu da década de 1820 até a de 1870. Depois disso, alguns escravos e trabalhadores contratados continuaram a deixar a África, mas em escala bastante reduzida. Na década de 1880, o comércio exportador tinha perdido o seu ímpeto em todos os setores.

Até certo ponto, a demanda interna estava relacionada com o colapso das exportações; isso é evidente ao longo da costa ocidental africana. Se os escravos eram numerosos antes do declínio das exportações, eles se tornaram mais numerosos depois. O crescimento da economia de *plantation* na costa oriental africana, responsável pela maioria dos escravos comercializados ali, era outro exemplo da conexão entre as dificuldades de exportar escravos e a possibilidade de utilizá-los mais perto da fonte de escravização. Uma razão pela qual a agricultura de *plantation* tornou-se lucrativa foram os custos crescentes de exportar escravos face ao bloqueio do tráfico de escravos.

Em muitos lugares, no entanto, havia um crescimento do mercado interno sem grandes ligações com o mercado externo e o seu colapso. Os estados surgidos de *jihads* na savana setentrional tinham pouca associação direta com o mercado externo de escravos, embora alguns cativos fossem exportados desses estados. O crescimento da escravidão ali estava mais relacionado a fatores internos. Essa expansão no número de escravos pode ser acompanhada lado a lado com a consolidação de cada um dos principais estados surgidos de *jihad* — o califado de Socotô depois de 1804, que incorporou grande parte do Sudão central; o califado de Hamdullahi (Masina), na década de 1820; o Segu Tucolor sob

o governo de al-Hajj 'Umar, da década de 1840 até a de 1860, na região entre Nigéria e Senegâmbia; o estado samoriano nas décadas de 1870 e 1880 ao sul do Segu Tucolor; o estado madi, na década de 1880; e o estado de Rabeh na década de 1890 na bacia do Chade. Essa série contínua de *jihads* reverberava do Sudão central nas direções oeste e leste, retornando em direção ao Sudão central no final do século. Enquanto alguns escravos eram exportados (examinado anteriormente), a grande maioria de novos escravos era mantida nesses estados ou exportada para países vizinhos para serem utilizados lá.

Esses *jihads* criaram uma nova fronteira escravista com fundamento no Islã rejuvenescido. Em grande parte, os reformadores islâmicos capturavam escravos que pertenciam aos seus inimigos, dessa forma reescravizando muitas pessoas e ao mesmo tempo revertendo o processo de aculturação e assimilação lenta que tinha sido uma característica da escravidão na savana setentrional. Muitas pessoas livres que resistiam aos *jihads* eram também escravizadas, enquanto a mobilização política e militar baseada na religião permitia a expansão da fronteira escravista. As populações pagãs que tinham estado distantes demais dos centros de poder político para sofrer mais do que um ataque ocasional estavam agora dentro da órbita da escravização. O califado de Socotô promovia ataques mais ao sul, finalmente alcançando o limite norte da bacia do rio Zaire. O califado também intervinha nas guerras iorubás através da intermediação de Ilorin, um emirado dependente sob o domínio de Gwandu.<sup>48</sup> Al-Hajj 'Umar dirigia as suas guerras contra a pagã bambara, embora não se furlasse a destruir centros comerciais muçulmanos — como Sinsani — quando necessário, e até mesmo derrotou o califado de Hamdullahi, apesar da sua reivindicação de legitimidade nos termos da reforma islâmica.<sup>49</sup> Samori e Rabeh, nas suas próprias regiões, atacavam as populações muçulmanas e pagãs da mesma forma; ambos concentravam os seus movimentos na região norte da savana onde não tinham existido anteriormente fortes estados muçulmanos. Não obstante, ambos destruíram regimes muçulmanos; para Samori o estado muçulmano mais notável em seu caminho era Kong, enquanto Rabeh capturou Bagirmi e Bornu.<sup>50</sup> Em todos esses casos, o problema da fronteira da escravização estava solucionado. O apelo da reforma era a permissão para atacar muçulmanos e não-muçulmanos que não levavam em consideração a advertência de que deviam converter-se. Na verdade, as *jihads* permitiam tanto os ataques a pessoas numa fronteira externa definida com base nos fundamentos da religião quanto a captura de pessoas numa fronteira interna que resistia aos movimentos revolucionários.

Esse padrão de escravização era institucionalizado, como o caso do califado

de Socotô demonstra.<sup>51</sup> Quando o califado estava consolidado, dezenas de emirados e subemirados reconheceram a autoridade das capitais gêmeas de Socotô e Gwandu, mas existiam centros de governo independente espalhados entre esses emirados. Algumas cidades autônomas, como Maradi, Abuja e Argungu, estavam localizadas a uma distância muito curta das cidades mais importantes do califado — respectivamente, Katsina, Bida e a própria Socotô. Em outros lugares, bolsões de resistência ofereciam outros problemas; os ningis mantinham uma base independente entre Kano e Bauchi e a uma distância notável de Zária e várias outras cidades menores (Jema'are e Katagum). Apesar da luta pelo desenvolvimento de uma teocracia pura, o regime de Socotô achou conveniente estabelecer tratados com esses inimigos de modo que os prisioneiros de guerra pudessem ser trocados. Um mercado neutro foi mantido entre Maradi e Katsina, por exemplo, e outra cidade entre Zária e Ningi, ao sul de Kano, servia ao mesmo propósito. As pessoas podiam ser resgatadas nessas cidades, a não ser que já fossem escravos, mas se ninguém se apresentasse rapidamente em defesa de uma pessoa livre, o resultado era a escravização.

Os vários regimes políticos ao longo da costa ocidental africana resolveram o problema da oferta de escravos de maneiras igualmente engenhosas, de modo que mais uma vez os novos escravos vinham de uma combinação de uma região de captação expandida e um mecanismo interno de oferta. Axante, por exemplo, tentava manter a oferta de escravos por meio de uma combinação de tributos e comércio com o norte. Somente os pagamentos de tributos eram da ordem de 2.000 escravos por ano por volta de 1820; Gonja e Dagomba enviavam 500 cada; Aduapem pagava 300; enquanto Takyiman, Wankyi, Atebubu, Abease, Kwawu, Acuamu, os países fantes e evés e territórios menores contribuía com 700 ao todo.<sup>52</sup> O comércio com o norte, por intermédio principalmente do mercado em Salaga, também trazia centenas de escravos a cada ano, talvez mais. Embora o volume exato não possa ser avaliado, os dados reunidos entre 1837 e 1842 (ver Tabela 7.8) permitem alguma comparação das origens dessas importações de escravos.<sup>53</sup> Em uma amostra de 657 escravos comprados por agentes holandeses em busca de recrutas para o exército, apenas cinco (0,8 por cento) vieram da região sul de Axante, enquanto 142 vieram das províncias do norte (provavelmente incluindo escravos capturados em razias efetuadas por essas províncias bem como pessoas etnicamente identificadas como dagombas, mamprussis etc.). Os estados mossis eram os maiores fornecedores, com 358 escravos (54,5 por cento), enquanto os escravos que parecem ter vindo do califado de Socotô (96 escravos, ou 14,6 por cento) ocupavam um distante segundo lugar

entre as fontes externas. Somente cinco escravos (0,8 por cento) vinham da rede comercial de diula a noroeste, um número surpreendentemente pequeno, quando se têm em vista os antigos vínculos. O resto dos escravos vinha da área de Gurma, que ficava entre os estados mossis e o califado de Socotô.

Esses números, apesar do fato de representarem apenas importações de escravos do sexo masculino, são provavelmente uma boa indicação da importância dos escravos do norte. Embora o califado de Socotô estivesse mais distante, uma porcentagem significativa de escravos vinha de lá e assim pode ser identificada com a *jihad* do Sudão central. Não obstante, Axante resolveu temporariamente em grande parte o problema de captação de escravos no interior da bacia superior do Volta, e não em lugares mais distantes. No final do século, a região norte tornou-se a principal área fornecedora; naquela época o território grunxe ao sul dos estados mossis e a oeste de Mamprussi era o principal fornecedor.<sup>54</sup> Esses números demonstram que Axante tinha transferido com sucesso a carga da escravização para as suas províncias do norte e países adjacentes.

O movimento de escravos por intermédio do comércio e como tributo era considerável por toda a savana e permaneceu assim até os últimos anos do século XIX. Esse movimento pode ser visto em relatórios dispersos de observadores con-

Tabela 7.8  
Origens dos escravos importados do sexo masculino  
em Axante, 1837-42

Origem	Número	%
Acã e évé	5	0,8
Norte de Axante	142	21,6
Estados mossis	358	54,5
Noroeste	5	0,8
Área de Gurma	51	7,7
Califado de Socotô	96	14,6
Total	657	100,0

Fontes: La Torre 1978, pp. 417-18, 420. Deve-se observar que a classificação étnica de La Torre foi adaptada. Eu aceitei uma identificação de "Marabu" com hauçá; os escravos Bornu, adamauas, Songais e Ioruba são creditados ao califado de Socotô, já que a principal rota para todos esses escravos teria sido a mesma e por conseguinte essas distinções, embora importantes, provavelmente refletem o comércio exportador do califado. O norte de Axante inclui escravos que se identificavam com os dagomba, mamprussi, gonja e Was. Gurma inclui 48 escravos que se identificavam como gumes e três escravos do "norte de Togo". Acã e évé são agrupadas em conjunto representando o sul de Axante; quatro escravos eram acã e um era évé.

temporâneos. Na década de 1850, por exemplo, Yola enviava 1.000 escravos por ano como tributo para Socotô, e recebia em troca cerca de 5.000 escravos dos seus próprios territórios de Rai-Buba, Ngaundere, Bibemi, Tibati, Banio, Koncha, Marua e Madagali. Esse fluxo de novos escravos não inclui muitos outros — um volume desconhecido — que eram comprados por comerciantes de escravos. Sem dúvida alguns desses escravos eram exportados através do Saara, mas muitos escravos negociados eram vendidos nos rios Benué e Níger ou mantidos no interior do califado de Socotô.<sup>55</sup> As guerras de Samori e Babemba, no Sudão ocidental envolviam o movimento de escravos numa escala semelhante e numa época em que o comércio transaariano não consumia mais uma parcela tão grande quanto a do califado de Socotô na década de 1850. Os franceses contaram 1.183 escravos (776 mulheres e 407 homens) em caravanas atravessando Bamako num período de sete meses em 1885.<sup>56</sup> Quatro anos depois, cerca de 2.000 escravos foram vendidos em Medina no curso de vários meses. Os números atestam a transferência contínua de escravos em grande escala.<sup>57</sup>

A reação iorubana à oferta de escravos dependia de fontes internas e importações do norte. As guerras civis iorubás, já discutidas aqui, eram a principal fonte de escravos para os vários estados iorubás, mas as importações também eram significativas, como a proporção de escravos em Abeokuta e outras cidades que se identificavam como muçulmanas ou hauçás deixa claro. As guerras tinham o efeito, comparável àquele das *jihads*, de criar uma fronteira interna de escravização, enquanto o comércio do norte, ligado ao califado de Socotô, permitia a importação de escravos de uma fronteira externa. Principalmente nas últimas décadas do século XIX, os comerciantes iorubás viajavam para Ilorin para comprar escravos.<sup>58</sup> As dificuldades políticas entre Ibadan, Abeokuta, Daomé e outros poderes perturbaram essa importação em alguns anos, mas o efeito final foi a concentração dos escravos do norte no centro da região de óleo de palma.

O principal mecanismo de escravização entre os ibos era interno; razias, seqüestros e a escravização sancionada pela religião.<sup>59</sup> Existiam rotas para o norte e ao longo do rio Níger que eram responsáveis pela importação de escravos; existem relatos sobre escravos hauçás e muçulmanos ao longo do Níger, por exemplo. No entanto, a fronteira ibos era em grande parte interna, como os relatos de seqüestros do final do século deixam bastante claro. A falta de centralização política impedia um esforço coordenado para limitar a escravização local; em vez disso alguns ataques e outros atos de escravização por crimes eram uma consequência necessária de uma ordem política que se baseava em métodos de

controle político que não eram estruturas estatais. Essas práticas parecem ter sido comuns durante o auge da exportação; a importância relativa desses métodos e seqüestros politicamente sancionados, que a maioria das pessoas condenava mas que ninguém conseguia impedir, é mais difícil de avaliar.

O tema comum na África Centro-Occidental e oriental era a manutenção da oferta de escravos através das atividades dos senhores da guerra; em resumo, a fronteira de escravização era constantemente empurrada para frente, quando novas ondas de invasores devastavam regiões inteiras, algumas vezes seguindo as pegadas de líderes guerreiros que os haviam precedido.<sup>60</sup> Os quiocos destruíram Lunda; os árabes e suaílis avançaram para a região dos lagos e além; as hordas de *dificane* se deslocaram da África do Sul para o norte; os jelabas promoviam ataques em direção ao sul a partir do vale do Nilo; e os *achikunda* atacavam o Zambeze. Diferentemente de outras áreas, não havia um mecanismo interno viável de oferta de escravos; os costumes das sociedades baseadas no parentesco permitiam que as pessoas definissem todos que não eram da família como forasteiros, portanto escravos em potencial. Pequenos grupos de saqueadores podiam agir por conta própria, tratando a todos como inimigos. Dessa maneira, uma fonte regular de escravos estava disponível para a exportação para a costa e para a distribuição no interior do próprio subcontinente. Esses bandos também podiam incorporar cativos.

O problema da oferta de escravos em um continente que já tinha sofrido uma exportação maciça de escravos durante vários séculos era dessa forma resolvido por uma combinação de mecanismos internos e pela redefinição de fronteiras a partir das quais era aceitável capturar as pessoas. Esse ajuste era necessário uma vez que a escravidão continuava a ser importante. Fronteiras eram criadas de várias formas: o deslocamento dos traficantes de escravos para novas áreas, a redefinição das pessoas como inimigas em regiões onde os escravos eram comuns desde muito tempo, o aumento da insegurança política ou atividades ilegais como o seqüestro, e a invasão dos saqueadores que não tinham identidade local e dessa forma não se importavam com a injustiça. Esses aspectos da escravização e o tráfico de escravos conexo eram essenciais para a posterior transformação da escravidão no século XIX. Naquelas áreas onde já existia um modo escravista de produção, um influxo contínuo de cativos era necessário para manter a população escrava; em outras áreas, um modo de produção escravista se desenvolveu onde previamente existiam apenas alguns escravos.